

ASPECTOS SEMÂNTICOS, SINTÁTICOS E DISCURSIVOS DA ANTONOMÁSIA DO NOME PRÓPRIO

Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri MARTINS¹⁹

RESUMO

Segundo as gramáticas tradicionais da língua portuguesa, denomina-se *derivação imprópria* ou *conversão* o fenômeno de passagem de nome próprio a comum e vice-versa. Muitos estudiosos da linguagem preferem chamar essa passagem de conversão subcategorial ou transsubcategorização, a fim de marcar que a relação se dá entre duas subcategorias, ou subclasses, que pertencem a uma classe maior, a dos substantivos. Aliado a isso, na maioria das vezes, as gramáticas tradicionais da língua portuguesa não evidenciam os traços formais que possibilitam essa passagem, pois já aparecem com a mudança de subclasse, como “damasco” e “quixote” (Cunha; Cintra, 2008). Diante desse quadro, é necessário explicitar os elementos que formam a estrutura interna da antonomásia do nome próprio, isto é, os determinantes e os modificadores, periféricos que ficam ao redor do núcleo referencial do sintagma nominal. Chamaremos de determinantes os “ocupantes da porção do SN que precede o seu núcleo” (Azeredo, 2000), isto é, ocorrem à esquerda do núcleo nominal, como os artigos definidos e indefinidos, os pronomes adjetivos, os quantificadores definidos (os numerais) e indefinidos (pronomes indefinidos) e de modificadores os periféricos que ocorrem geralmente à direita, a posição canônica, ou não marcada. Os principais modificadores do núcleo nominal na língua portuguesa são os adjetivos, as locuções adjetivas e as sentenças relativas. O objetivo do trabalho é chamar a atenção para o processo de referenciação que os determinantes e os modificadores que formam a estrutura semântico-sintática da antonomásia do nome próprio revelam no processamento discursivo (Nascimento; Oliveira, 2004), tendo em vista uma concepção de linguagem multissistêmica funcionalista-cognitivista, desenvolvida por Castilho (2010).

PALAVRAS-CHAVE: antonomásia; nome próprio; determinantes; modificadores; discursivização

19 Instituto Federal Fluminense (IFF)- campus Campos-Centro. Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagem (NECEL/IFF). Coordenação do curso de Letras e COLINCO. Rua Doutor Siqueira, 273-Parque Tamandaré- Campos dos Goytacazes- RJ- Brasil, CEP: 28030-131.
E-mail: ana.poltronieri-martins@iff.edu.br

Por uma concepção de linguagem multissistêmica funcionalista-cognitivista.

De acordo com Castilho (2010), o multissistema da língua é composto por quatro sistemas, mediado pelo *domínio ou dispositivo sociocognitivo*, (DSC): *Discursivização, Gramaticalização, Lexicalização e Semanticização*.

O sistema do discurso, denominado *Discursivização*, é “o processo de criação de textos, administrado pelo dispositivo sociocognitivo” (Castilho, 2010:134). É o sistema responsável pela construção de instâncias enunciativas e pelas decisões relativas à escolha e elaboração do tópico discursivo. Segundo Castilho (2010), na constituição do discurso, ativamos mecanismos de diferente natureza: categorias cognitivas, como *frames* e *perspectiva*, que é o ponto de vista adotado pelos interlocutores em relação ao texto, tais como voz verbal, escolha lexical, dêixis e foco; categorias sociais dos interlocutores, que afetam escolhas lexicais e estruturas linguísticas; e as categorias discursivas do texto, como paragrafação, tópico discursivo, repetição e paráfrase, coesão textual, parentetização e digressão.

O sistema da gramática, denominado *Gramaticalização*, define o processo de ativação da gramática e é “responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância, pela organização da estrutura argumental etc..” (Castilho, 2010:163). Esse processo visa à organização formal do texto, por meio de operações morfossintáticas. Na reativação, ou *regramaticalização* neste sistema, tem-se a reanálise das propriedades gramaticais, alterando classes gramaticais e funções sintáticas. Já a *desgramaticalização* é a desativação de propriedades gramaticais, como, por exemplo, a elipse de constituintes sentenciais na sintaxe.

O sistema do léxico, que engloba as operações de *Lexicalização*, governa o processo de criação de palavras por meio de caminhos diversos, tais como a *etimologia*, a *neologia* e o *empréstimo*. Durante o processamento discursivo, tomamos decisões sobre a escolha do léxico e das palavras que devemos ativar, reativar ou desativar. Castilho destaca que a *lexicalização* é “um processo negociado ao longo das interações linguísticas, não se trata de uma iniciativa individual, pois obviamente as palavras são criadas para a comunicação” (Castilho, 2010:110). Os processos de derivação lexical e composição lexical são operacionalizados no princípio de reativação, denominado, neste sistema, de *relexicalização*, por meio do qual reorganizamos os traços semânticos e as

categorias cognitivas, criando, assim, novas palavras. Já a desativação lexical, a *deslexicalização*, é a “morte das palavras” (Castilho, 2010:117).

Por último, temos o sistema semântico, a *Semanticização*, que, conforme Castilho (2010: 122), “é o processo de criação dos sentidos, administrado pelo dispositivo sociocognitivo”, por meio do qual ativamos e organizamos nossos *frames*, *scripts* e cenários; também associamos sentidos de palavras e de expressões linguísticas, para motivar, por exemplo, recursos de expressividade, como a metáfora e a metonímia; e movimentamo-nos em espaços de diferentes características, como o real e o ficcional, para compreendermos inferências e pressuposições. Esse sistema também é responsável pelas *ressemantizações*, reativando e alterando sentidos, e pela *dessemantização*, ou desativação semântica, que “está por trás das alterações de sentido provocadas pelas metáforas, pelas metonímias, (...), por meio dos quais “silenciamos” o sentido anterior e simultaneamente ativamos novos sentidos” (Castilho, 2010:133). Segue a representação gráfica da teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista, de Castilho (2010):

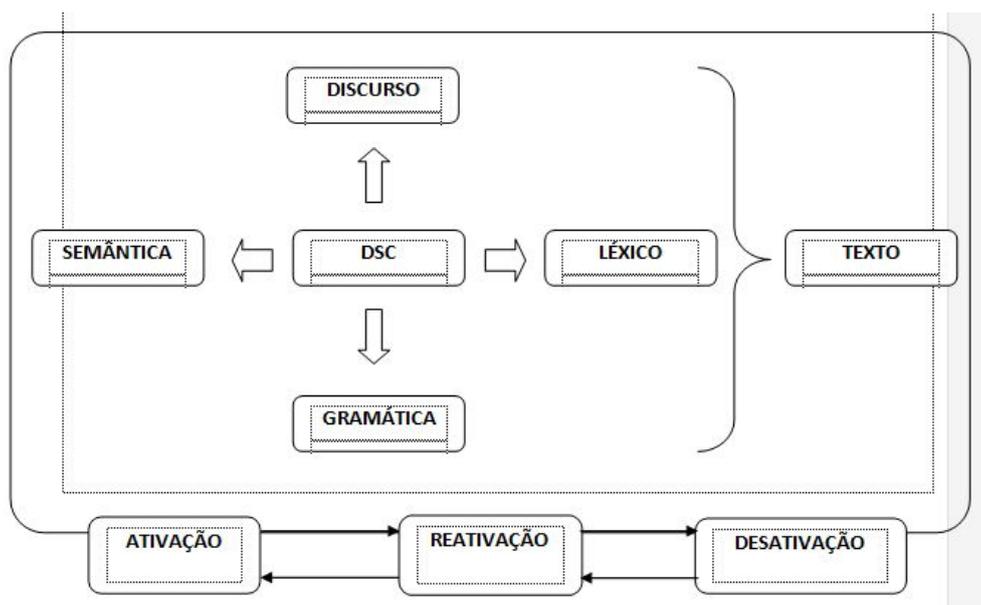


Figura 1. Teoria Multissistêmica Funcionalista-Cognitivista

Para Castilho (2010), o *domínio sociocognitivo* (DSC) está presente em todos os sistemas das línguas naturais. Pode-se, assim, afirmar que a linguagem é uma das janelas, ou aberturas, para a compreensão e interpretação dos processos que se realizam na mente humana. Ao abraçar a teoria Multissistêmica Funcionalista-Cognitivista, pretendemos nos afastar da tentação de ver a língua como produto de natureza estanque e homogênea, visão ainda presente em inúmeras gramáticas, principalmente as pedagógicas, nas quais a significação é um produto e não um processo que implica a

ativação de diferentes sistemas linguísticos. Logo, a significação será, na verdade, o resultado da ativação de elementos lexicais com propriedades gramaticais e semânticas constituídas no processamento discursivo, ou *discursivização*, tendo como elemento nuclear o *domínio sociocognitivo* (DSC). Ou como bem diz Travaglia (1996:237): “cada elemento da língua e/ou cada tipo de elemento funciona como pista ou marca de instruções relacionais interpretativas para a produção de efeitos de sentido”. No caso das antonomásias do nome próprio, a ativação dos sistemas linguísticos vai além de definir a antonomásia como passagem do nome próprio a nome comum e vice-versa, conforme a visão das gramáticas tradicional e pedagógica, pois partimos da hipótese que o *domínio sociocognitivo* (DSC) ativa sentido(s) do nome próprio no processo de discursivização. Porém, deve-se chamar a atenção para o fato de que as antonomásias do nome próprio já lexicalizadas, ou seja, sedimentadas pelo uso do falante ou dicionarizadas, normalmente ativam o sentido mais consagrado, reconhecido e aceito pelos usuários da língua em questão. É o caso das antonomásias do nome próprio como “mauricinho”, “patricinha”, “don juan”, “judas”, entre outras. A definição clássica de antonomásia, tal como se vê em Bechara (2009), a seguir, engloba, a nosso ver, essas antonomásias do nome próprio, já desgastadas pelo uso e, por isso, vistas como nome comum:

Passagem de nomes próprios a comuns. – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhe qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio, que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, do *amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas*. Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (homem hipócrita, devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação, prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras). Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes, e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estravários* (= violino de Stradivarius), *guilhotina* (de J. Inácio Guillotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em

Portugal, havano), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray). (Bechara, 2009:114)

Um aspecto marcante nos exemplos citados por Bechara (2009), principalmente aqueles que marcam a passagem de nomes próprios a comuns, é a perda da letra maiúscula no nome próprio. Sabemos, por meio do estudo da língua portuguesa, que a letra maiúscula faz parte da plasticidade do nome próprio, ou seja, de sua forma em nossa língua. Diante disso, parece possível dizer que a perda da letra maiúscula, nos exemplos arrolados na definição de Bechara (2009), retira esse *status* de nome próprio dado ao signo verbal, colocando-o no patamar de um nome comum, que denota e conota uma classe de objetos.

O último critério é o *gramatical*, que, segundo Ullmann (1987), varia de uma língua para outra. Algumas línguas aceitam o artigo e os determinantes diante dos nomes próprios, outras não os admitem, como o inglês, no qual o uso é restrito a alguns topônimos. A pluralização é outra característica ligada ao critério gramatical, visto que muitos nomes próprios perdem seu *status quo* de singularidade e de identificação a partir do momento que são pluralizados.

Ullmann (1987) também aborda em seus estudos semânticos a passagem de nomes próprios a nomes comuns e vice-versa. Diferentemente de muitos gramáticos, Ullmann afirma que “a fronteira entre as duas categorias não é de modo algum decisiva” (Ullmann, 1987:160), como bem exemplificam os sobrenomes portugueses — *Leitão*, *Fidalgo*, *Monteiro*, *Cardim*, entre outros — que marcam qualidade, profissão, região geográfica etc., embora muitos falantes de língua portuguesa não saibam que, etimologicamente, esses sobrenomes têm sua origem em nomes comuns.

Sobre a passagem de nomes próprios a nomes comuns, Ullmann (1987) enquadra-a em dois grupos: o *metafórico* e o *metonímico*. O primeiro grupo, o metafórico, criou-se em virtude de “qualquer tipo de semelhança ou aspecto comum” (Ullmann, 1987:161), sendo o caso de *cicerone*, palavra de origem italiana, que, por etimologia, segundo o Houaiss (2009), estabeleceu-se na língua devido à comparação da fala expansiva dos guias turísticos de Roma com a eloquência efusiva de Cícero. O segundo, o metonímico, de acordo com Ullmann, baseia-se “em qualquer relação, que não a semelhança: a que há entre o inventor e a invenção, entre o produto e o lugar de origem etc..” (Ullmann, 1997:162). São casos típicos de metonímia: “Roubaram um *Portinari*” (o autor pela obra), “Compre uma *gilete* para mim” em vez de “Compre uma lâmina de barbear para mim” (o inventor pela invenção), “Adoro *leite moça* com

morango” (o nome de fantasia pelo produto, que, no caso, é o leite condensado). Em alguns casos a opacidade, ou apagamento, já é tão forte que, muitas vezes, o falante já não faz mais a associação metonímica, como é o caso do verbete *sanduíche*, que, segundo Houaiss (2009), foi um tipo de pão com carnes fatiadas criado pelo Conde de Sandwich durante um longo jogo de cartas do qual ele não poderia se ausentar.

Operações de lexicalização, gramaticalização e semantização na construção de antonomásias do nome próprio no processamento discursivo, ou discursivização.

De acordo com a gramática tradicional, denomina-se *derivação imprópria* ou *conversão* o fenômeno de passagem de nome próprio a comum e vice-versa. Muitos estudiosos da linguagem preferem chamar essa passagem de *conversão subcategorial* ou *transubcategorização*, a fim de marcar que a relação se dá entre duas subcategorias, ou subclasses, que pertencem a uma classe maior, a dos substantivos. Nas gramáticas tradicionais e pedagógicas, observamos que os exemplos citados, na maioria das vezes, não evidenciam os traços formais que possibilitam essa passagem, pois já aparecem com a mudança de subclasse, como *damasco* e *quixote* (Cunha; Cintra, 2008:118), isto é, não apresentam o processo sintático. Diante desse quadro, é necessário explicitar os elementos que formam a estrutura interna e funcional da antonomásia discursiva do nome próprio, isto é, os determinantes e os modificadores, periféricos que ficam ao redor do núcleo referencial do sintagma nominal. Chamaremos de *determinantes* os “ocupantes da porção do SN que precede o seu núcleo” (Azeredo, 2000: 189), isto é, ocorrem à esquerda do núcleo nominal, como os artigos definidos e indefinidos, os pronomes adjetivos, os quantificadores definidos (os numerais) e indefinidos (pronomes indefinidos) e de *modificadores* os periféricos que ocorrem geralmente²⁰ à direita, a posição canônica, ou não marcada. Os principais modificadores do núcleo nominal na língua portuguesa são os adjetivos, as locuções adjetivas e as sentenças relativas.

Seguem os principais tipos de periféricos ativadores de antonomásias discursivas do nome próprio que encontramos nos exemplos retirados do *corpus*, composto por textos publicados em livros, jornais e revistas brasileiros:

20 Muitas vezes os modificadores podem vir em uma posição não habitual, ou marcada, para dar ênfase a um valor semântico diferente. Ex.: “Um advogado velho/ Um velho advogado”.

(1)- Antonomásias discursivas do nome próprio ativadas por artigos definidos e indefinidos, seguidas ou não de adjetivos, ou de termos com sentido de posse:

(1.1) “Você tem que entender, Mauro, que hoje você é um formador de opinião, atingiu o mesmo patamar de *um Gugu*, de *uma Xuxa*, de *uma Mara Maravilha*.”

(1.2) “Como o Twitter é, para Sara Carbonero, a nova Inquisição, alguns blogueiros espanhóis já se perguntam, irônicos, se a namorada de Casillas não seria, então, *a Joana d’Arc moderna*.”

(1.3) – Enéas perdeu o charme (charme???). E o eleitorado também. Hoje, *o Le Pen tupiniquim* chama-se Garotinho. De modo que se existe ou não uma madame Enéas pouca ou nenhuma diferença fará. E não adianta gritar.”

(1.4) “O Lula ia ser *o Kerensky dele*. Ele, naturalmente, seria o Lenin. Porque ele só brinca se for o Lenin... Pena não haver *um Eisenstein* pra filmar esse *revival* da revolução russa em forma de chanchada.”

(1.5) “O Jenuíno seria o articulador político do governo, seria *o Luiz Eduardo Magalhães deles*. Seria engolido também. Mas teria *fair play* como sempre.”
(sic)

(1.6) “Passei pelo Copacabana Palace e estava um auê. Era o Mercosul assolado pelo fantasma do Pinochet. O processo pode demorar anos. Ele podia ir logo pra Torre de Londres em vez de ficar pagando 40 mil dólares por mês de aluguel.
– É *a Mary Stuart chilena*...”

(1.7) “Naquela época não havia televisão, de modo que vivíamos *numa Hollywood radiofônica*.”

(2) Antonomásias discursivas do nome próprio ativadas por pronome adjetivo, seguidas ou não de adjetivos:

(2.1) “Como a que vi estampadas no rosto de Carla Perez e Xandy, no programa de quem? Da Hebe, claro. Não passo uma segunda-feira sem dar uma espiadinha no que *a nossa Ivana Trump* está aprontando.”

(2.2) “Estou vivendo *a minha Yugoslávia particular*. Meus gatos se deixaram contagiar e estão em pé de guerra.”

(2.3) “Fazendo um *tour* via controle remoto dei com Arlete Salles no *Você Decide* da semana passada. Mesmo com as limitações televisivas, o talento de Arlete explode. A telinha é pequena para contê-la. Que atriz! Que comediante!
– É *a nossa Mary Tyller-Moore*.”

(2.4) “– Raul é insubstituível! Ele que fosse pra Record! – Já o prefeito de São Paulo, Celso Pitta, revelou, no Globo, seu sonho de ser bailarino, dançar Copélia, a Morte do Cisne. Teria sido *a nossa dame Margot Fonteyn*.”

(2.5) “– Porque, verdade seja dita, o Cid tem uma voz belíssima! De fato, é uma manifestação divina. É o próprio Verbo. Cid é *o nosso Charlton Heston vocal*.”

(3) Antonomásias discursivas do nome próprio ativadas por locuções adjetivas:

(3.1) “Eles viveram uma *wonderful life*. Eram *o James Stewart e a Donna Reed do noroeste paulista*.”

(3.2) “Na época do twist, em Bauru, só andava com gente in, era amigo da garota mais popular, bonita e gostosa da cidade; líder da torcida de basquete, baliza da banda do colégio, uma cópia dessas *american girl’s* que a gente vê no cinema, *a Olívia Newton-John de Bauru*.”

(3.3) “Tia Hilda diz que consegue muito bem imaginar o constrangimento que deve ter sido quando o Racine (e o Goethe!) disseram que Shakespeare era *a Janet Clair de Stratford on Avon*, que *Romeu e Julieta* era *Os ossos do barão do século XVI*.”

(3.4) “Outra que não perde a animação é a *Regina Duarte da nossa política*, FHC.”

(3.5) “Quem anda animadíssima também, com seu programa no Shoptime da Net, é a neo-evangélica Monique Evans, a Darlene Glória dos anos 90.”

(4) Antonomásias discursivas do nome próprio ativadas por anguladores, ou delimitadores:

(4.1) “Falando nisso, é comovente a lealdade da Betty Szafir e o marido com o casal Collor e Rosane. Aonde vão são vaiados – juntos.

– Betty é *uma espécie de Madame du Barry paulistana*. Para os que não sabem, durante a revolução francesa de 1779, du Barry estava na Inglaterra, em segurança, mas voltou para ficar perto de seus amigos aristocratas e enfrentar o mesmo destino, ou seja, a guilhotina. Até parece a Hebe com o Maluf.”

(4.2) “Rosinha é a mulher ideal, porque junta todas as qualidades. É *uma espécie de Lucille Ball comportada e crente*.”

(4.6) “Dizem que a família que transformou o Palácio Guanabara num playground gospel é abençoada e tem uma missão a cumprir: espalhar a felicidade por todos os lares brasileiros. É mole? Tudo começou em Campos, logo transformada *numa espécie de Belém fluminense*. Trouxe a palavra do Senhor para o Rio e agora pretende espalhá-la Brasil (ou mundo) afora.”

Muito raramente, o modificador é uma sentença relativa, como no exemplo que segue:

(4.7) “O GNT está produzindo “Socorro, meu filho come mal”, uma série comandada por *uma espécie de Supernanny que fiscaliza unicamente a alimentação*. A apresentadora e especialista, a nutricionista Gabriela Kapim, passa dias na casa de uma família para ajudar os pais a reparar os maus hábitos das crianças à mesa.”

(5) Antonomásias discursivas do nome próprio ativadas por quantificadores indefinidos, expressando especialmente a modalidade negativa:

(5.1) “Eu acho super exagerado comparar ele com o Cigano Igor (esse título é eternamente do Rafael Almeida na minha modesta opinião). O Márcio tem carisma e talento, eu acho que o problema é o personagem, é difícil para qualquer um que viva na nossa época imaginar um cara instruído e viajado, rico ainda por cima, ser tratado como uma m... só na Índia fake da Glória Perez mesmo! E o Lombardi não é *nenhum Brando* também não!”

(5.2) “Na minha modesta opinião, de quem não é *nenhuma Ana Wintour*, mas gosta de dar pitacos na moda alheia, os estilistas Yu Amatsu e Fabiola Arias foram os mais criativos do dia.”

No *corpus*, há uma antonomásia discursiva do nome próprio que, além de ser ativada por um elemento periférico, que, no exemplo, é o artigo definido, também é ativada pela situação, ou contexto, devido à omissão de um termo anterior que ficou subentendido. Segundo Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), temos, neste caso, o fenômeno denominado *elipse*. Vejamos o exemplo:

(5.3) “O mensalão não é só para deputados. Há também o mensalão da imprensa. No último número da revista *Carta Capital*, quase 70% dos anúncios eram do governo federal. Lula sempre soube remunerar direito seus aliados. *Carta Capital* é o João Paulo Cunha dos semanários. O José Janene. O Valdemar Costa Neto.”

Considerando esse levantamento das formas da língua que ativam as antonomásias discursivas do nome próprio no discurso, cabe perguntar: como os especificadores e os modificadores influenciam a semantização dessas antonomásias discursivas, ou melhor, conferem o processo de referência desejado pelo enunciador? A esse respeito, analisemos o exemplo:

(6) Fui pesquisar e descobri que o tronco brasileiro da família Adams é imenso. Tem o Inocência, o Paes de Andrade, a Rosane, o Stédile, o João Havelange...

Falar nisso, Havelange, que já foi *o belo Brummel*²¹ *dos cartolas*, hoje é a nossa múmia- mor, *o nosso Boris Karloff*²².

No exemplo (6), a primeira antonomásia discursiva do nome próprio- *o belo Brummel dos cartolas*- tem como *referente-índice* o nome próprio *Brummel*, cujo sentido ativado no discurso é a beleza masculina. Esse *referente-índice* tem como *referente índice-alvo* o nome próprio *Havelange*, ex-dirigente da FIFA, por meio de uma comparação implícita, ou seja, Havelange era considerado o belo Brummel entre os cartolas. O papel do modificador — *dos cartolas* — é restringir o domínio de compreensão do processo de referenciação, isto é, somente no universo dos cartolas que a comparação entre *Havelange* e *Brummel* se caracteriza. A segunda antonomásia- *o nosso Boris Karloff*- também tem como *referente índice-alvo* o nome próprio *Havelange*, comparado a uma múmia-mor, um dos sentidos do *referente-índice* *Boris Karloff*. Nesta, o especificador (periférico à esquerda do núcleo do SN da antonomásia discursiva) tem como função indicar, além de um valor de posse, um valor afetivo em relação ao *referente índice-alvo*.

Ao que parece, o papel dos periféricos, estejam eles à direita ou à esquerda do núcleo do SN da antonomásia discursiva do nome próprio, é direcionar o processo de referenciação entre o *referente-índice* e o *referente índice-alvo*, a fim de indicar em que domínios os sentidos da antonomásia discursiva do nome próprio devem ser ancorados.

E por que denominar o nome próprio de *referente-índice*? Segundo a semiótica de extração peirceana, na tríade ícone- índice- símbolo, o nome próprio é um índice. O índice estabelece uma relação diádica entre o *representâmen* e o *objeto*, devido a fatores de contiguidade, como a causalidade, a espacialidade e a temporalidade. Assim, Peirce (2005) define o índice:

Um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. Portanto, não pode ser um Qualissigno, uma vez que as qualidades são o que são independentemente de qualquer outra coisa. Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma Qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao Objeto. Portanto, o Índice envolve uma espécie de Ícone, um Ícone de tipo especial; e não é a mera semelhança com

21 Nome do personagem-protagonista do filme *Beau Brummel* (EUA, 1955), o qual fazia sucesso entre as mulheres devido a sua bela aparência e à sedução.

22 Ator britânico (1887-1969) que atuava principalmente em filmes de terror.

seu Objeto, mesmo que sob estes aspectos que o torna um signo, mas sim sua eletiva modificação pelo objeto. (Peirce, 2005:52)

Conforme Nöth (2008), Peirce (2005) nos dá inúmeros exemplos de índice em seus escritos, tais como os cata-ventos, a fita métrica, um barômetro, a fotografia, um grito de socorro, a Estrela Polar, porque indica o Norte, um dedo em riste apontando uma direção etc. Na linguagem verbal, são exemplos de índices os nomes próprios e os pronomes pessoais, porque designam particulares, os pronomes, os artigos e as preposições, visto que instauram relações sintagmáticas com outras palavras no texto. Ao comparar os índices com os ícones e os símbolos, Peirce destaca dos índices três características:

Os índices podem distinguir-se de outros signos, ou representações, por três traços característicos: primeiro, não têm nenhuma semelhança significativa com seus objetos; segundo, referem-se a individuais, unidades singulares, coleções singulares de unidades ou a contínuos singulares; terceiro, dirigem a atenção para seus objetos através de uma compulsão cega. Mas seria difícil, senão impossível, citar como exemplo um índice absolutamente puro, ou encontrar um signo qualquer absolutamente desprovido da qualidade indicial. Psicologicamente, a ação dos índices depende de uma associação por contiguidade, e não de uma associação por semelhança ou de operações intelectuais. (Peirce, 2005:75-76)

A relação de contiguidade e de continuidade entre o *representâmen* e o objeto denotado aproxima o índice da metonímia, como nas pegadas de um animal, na palidez de uma pessoa, nos restos de cinza de uma churrasqueira, uma batida na porta etc.. Essa característica possibilita Peirce a pensar que no índice o corte semiótico, isto é, a diferença do signo e do objeto, não é totalmente estabelecido ou estabilizado, pois, no índice, o objeto remete e refere-se a si próprio, numa relação de circularidade. Desse modo, é que podemos pensar que, no caso dos substantivos próprios, que se apresentam como um índice²³ em grande parte da obra de Peirce, o nome próprio é a pessoa, e a pessoa é o nome próprio, em um processo de autorreferenciação.

Dessa maneira, pretendemos nos afastar da visão da Lógica clássica que não vê um sentido no nome próprio, ou seja, ele apenas denota e nada conota (Mill, 1973), e, em parte, da visão da linguística cognitiva, para a qual o nome próprio é um *valor* que

23 Antes de afirmar que os nomes próprios eram *índices*, Peirce (CP 329, 2005:88) havia dito que eles eram *subíndices* ou *hiposemas* (CP 284, 2005: 67), que “são signos que se tornam tais principalmente através da conexão real com seus objetos. Assim, um substantivo próprio, um demonstrativo pessoal, um pronome relativo ou a letra que se aplica a um diagrama, denota o que denota em virtude de uma conexão real com o seu objeto, mas nenhum desses elementos é um Índice, dado que não são individuais”.

assume *funções*. Neste artigo, partimos da premissa que o nome próprio tem um ou vários sentidos, que são dependentes da trajetória do seu referente no mundo.

Conclusão

O objetivo geral deste artigo foi demonstrar que a antonomásia é uma figura de linguagem que se situa em dois polos distintos: o da língua e o do discurso. Na língua, na qual predomina o emprego das formas, a antonomásia, no plano morfológico, se constitui por meio da passagem de nome próprio a nome comum e vice-versa; na gramática, se situa entre os casos de *derivação imprópria* ou *conversão*. Incluem-se, neste caso, as antonomásias lexicalizadas, já consagradas pelos falantes da língua, como *judas*, *tartufo*, *mecenas*, *dom-juan* etc.. Essas antonomásias, já dicionarizadas em sua grande maioria, refletem bem a passagem de nome próprio a nome comum, porque estão associadas a uma definição lexical precisa: *judas*= traidor, *dom-juan*= sedutor, *tartufo*= hipócrita, *mecenas*= patrocinador de artistas, entre outras.

Por outro lado, temos, no âmbito discursivo, uma quantidade de antonomásias que, a nosso ver, não podem ser explicadas por meio da derivação imprópria ou conversão, pois, em sua maioria, são dependentes do contexto geral da enunciação, ou, segundo os critérios de textualidade, da situacionalidade, para que obtenham o sentido desejado pelo enunciador. Esse é o caso das antonomásias discursivas do nome próprio. Para nós, essas antonomásias dificilmente terão seus sentidos estabilizados na língua, pois elas são emergentes e dependentes de uma ou várias conjunturas. Além do mais, grande parte desses nomes próprios ainda tem os seus referentes a flunar pelo mundo, o que impossibilita pensar de imediato em estabilidade lexical.

Sendo assim, buscamos compreender as antonomásias discursivas do nome próprio no *processamento discursivo*, ou *discursivização*, segundo os preceitos de Castilho (2010) e Nascimento e Oliveira (2004), porque defendemos que somente no/pelo texto, isto é, numa relação enunciativa, pode-se observar a complexa relação estabelecida entre a antonomásia discursiva do nome próprio e o mundo discursivo no qual ela se insere. Nessa perspectiva, adotamos a ideia de que um nome próprio não precisa ser visto como nome comum, para que ocorra a semantização. Para nós, uma antonomásia discursiva é, antes de tudo, uma figura de linguagem que carrega crenças e

valores, ora objetivos, isto é, pertencentes a uma comunidade, ora subjetivos, vindos de um ponto de vista estritamente pessoal. No primeiro caso, é imprescindível o uso de conhecimentos prévios, a fim de que se possa compreender o sentido a ser revelado; caso contrário, o jogo de linguagem e, por consequência, o de significação, serão ininteligíveis, porque não saberemos a quem o nome próprio que faz parte da antonomásia se referirá e, assim, o efeito de sentido da antonomásia discursiva do nome próprio não será processado. Em suma, o estudo da antonomásia discursiva do nome próprio repensa a relação da linguagem com o mundo e com o sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azeredo, José Carlos. 2000. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bechara, Evanildo. 2009. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Castilho, Ataliba Teixeira de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cunha, Celso; Cintra, Lindley. 2008. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Houaiss, Antônio; Villar, Mauro de Salles. 2011. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0, CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mill, John Stuart. 1973. *Sistema de Lógica dedutiva e indutiva*. São Paulo: Abril Cultural.
- Nascimento, Milton do; Oliveira, Marco Antônio de. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: Negri, Lígia; Foltran, Maria José; Oliveira, Roberta Pires de. 2004. *Sentido e significação- em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Editora Contexto.
- Nöth, Winfried. 2008. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: AnnaBlume.
- Peirce, Charles S. 2005. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Ullmann, Stephen. 1987. *Semântica- uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.